

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS – LÍNGUA
PORTUGUESA

CASSIENE DE ARAÚJO REIS PORTO

LEITURA E ESCRITA: no 1º ano do ensino fundamental

São Bernardo
2018

CASSIENE DE ARAÚJO REIS PORTO

LEITURA E ESCRITA: no 1º ano do ensino fundamental

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de graduada em licenciatura em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa.

Orientadora: Ms Rachel Tavares de Moraes

São Bernardo
2018

CASSIENE DE ARAÚJO REIS PORTO

LEITURA E ESCRITA: no 1º ano do ensino fundamental

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof.^a Msc. Rachel Tavares de Moraes

Examinador 1

Examinador 2

Dedico essa monografia, em especial, a meus pais pelo apoio e paciência, pela compreensão e pelas palavras de incentivo nas horas mais difíceis e aos meus familiares que de alguma forma estiveram presentes durante a realização desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter colocado no meu caminho pessoas que muito contribuíram para a realização deste trabalho monográfico.

A toda a minha família pelo carinho, apoio e incentivo.

À minha orientadora Prof.^a Msc. Rachel Tavares de Moraes, por ter representado uma referência importante durante minha formação universitária.

Agradeço gentilmente a todos, que muito contribuíram direto e indiretamente para a realização deste trabalho.

“Sabemos que a leitura e a escrita são ferramentas mentais que possibilitam o trabalho de todas as outras áreas e que, por isso mesmo, são as responsáveis pelos altos índices de repetência nas séries iniciais. Possibilitar que os alunos compreendam, se apropriem e façam uso das diferentes instâncias da linguagem é uma forma de romper com as dicotomias excludentes que têm gerado um distanciamento entre a linguagem do aluno e a da escola”.

CANEN

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o ensino da leitura e escrita na escola. Compreendendo a prática de leitura na escola como uma prática social, tece argumentos em favor do trabalho com gêneros textuais como forma de conferir significado ao ensino da leitura na escola e defende o ponto de vista de que, para que a escola contribua efetivamente na formação de alunos leitores é preciso produzir, no seu interior, razões e condições para ler. Tendo como referencial teórico os autores: Castanheira (2009), Kramer (2001), Solé (1998) entre outros. Entendendo a língua escrita como uma forma de linguagem, argumenta em favor do trabalho com leitura na escola visando à formação de alunos leitores iniciantes. Realizou-se coleta de dados por meio de entrevistas com professora da rede pública que atua na sala de 1 ano do ensino fundamental. Também foram realizadas observações da rotina desta sala de aula, com o objetivo de entrelaçar o dizer dos educadores com sua prática cotidiana. Por último, levando em consideração os estudos e entrevistas feitas, são propostas atividades que visam oportunizar o desenvolvimento da competência leitora dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Escrita. Alfabetização. Letramento. Ensino.

ABSTRACT

This work proposes a reflection on the teaching of reading and writing in the school. Understanding the practice of reading at school as a social practice, he argues in favor of working with textual genres as a means of giving meaning to the teaching of reading in school and defends the point of view that, in order for the school to effectively contribute to the formation of student readers must produce, within them, reasons and conditions to read. Having as theoretical reference the authors: Castanheira (2009), Kramer (2001), Solé (1998) among others. Understanding written language as a form of language, argues in favor of working with reading in the school aiming at the training of students beginner readers. Data were collected through interviews with a teacher of the public network that works in the 1-year room of elementary school. Observations were also made of the routine of this classroom, with the aim of interweaving the teachers' say with their daily practice. Finally, taking into account the studies and interviews made, activities are proposed that aim to foster the development of students' reading competence.

Key words: Reading. Writing. Literacy. Literacy. Teaching.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O ENSINO DA LEITURA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA.16	
2.1O espaço da leitura na vida infantil.....	19
3 PRÁTICAS DE LEITURA.....	22
3.1 Métodos de leitura no processo de formação do leitor infantil.....	22
3.2 Formas de organização do trabalho pedagógico no processo de aquisição da leitura e da escrita.....	24
3. 3 A formação do professor.....	26
4A REALIDADE DA EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE SANTA QUITÉRIA – EDUCAÇÃO E CRIANÇA LEITORA.....	27
4.1. Abordagens metodológicas.....	28
4.2. Análise e interpretações dos resultados dos questionários.....	30
4.3. Análise e interpretações dos resultados da observação em sala de aula.....	36
5 CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender as aprendizagens de leitura e escrita no 1º ano do ensino fundamental na Unidade Escolar Heitor Pedrosa, na localidade Santa Quitéria Velha, município de Santa Quitéria do Maranhão – MA, em favor de um processo de alfabetização que atenda os alunos no interesse pela leitura e escrita no 1º ano do ensino fundamental, tema que será abordado ao longo deste trabalho.

Acredita-se que as situações vividas dentro da escola no contexto atual, buscam meios de inovar as práticas metodológicas em prol de um melhor desenvolvimento da aprendizagem do aluno no processo educacional; e é através deste processo que a criança vai adquirir fontes de conhecimentos, informações que serão úteis para o seu desenvolvimento intelectual, social, cultural etc.

O curso de linguagens e códigos, como um curso interdisciplinar foi muito proveitoso, nessa minha caminhada acadêmica, onde a interdisciplinaridade contribui muito para a minha rotina escolar e me ajudou a aprofundar concepções sobre a importância metodológica por parte do professor.

A escolha do tema da minha pesquisa, começou a ser pensado quando tive a oportunidade de realizar o primeiro estágio, do ensino fundamental onde acompanhei de perto nas minhas observações em sala de aula, a rotina dos professores e alunos, onde observei as dificuldades de alunos do 6º e 7º ano do ensino fundamental, com leitura e escrita. Alunos tinham dificuldades quando iam fazer uma leitura no livro, tinham medo de ir a frente e fazer a leitura para os colegas, por motivos que não sabiam ler, e isso era uma situação desmotivadora para o professor.

No início do mês de março, recebi uma oportunidade de então ser professora contratada numa escola pública no povoado de Santa Quitéria Velha, na Unidade Escolar Heitor Pedrosa, sendo uma escola pequena, que atende as crianças e jovens do povoado. Minha experiência durou quatro a cinco meses, numa turma que atende crianças do primeiro e segundo ano do ensino fundamental, eram matriculados nessa turma 17 alunos todos frequentavam a sala de aula, crianças que estão iniciando o processo de alfabetização. A partir desta minha experiência, que foi diferente do estágio no sentido que passei a conviver com crianças de 6 a 7 anos de idade, que ainda iam começar o processo de leitura e escrita. A criança ela já tem um conhecimento, de mundo do ambiente que a cerca, com cores, formas e imagens, e trazendo para a sala de aula, ela vai ampliar seu conhecimento.

Daí então comecei a pensar de maneira mais profunda nesse tema. Onde vivenciei a rotina dessas crianças que estavam começando o ciclo de alfabetização, como professora busquei entender cada criança, e desenvolvendo uma aproximação aluno-professor para facilitar aprendizagem e realizar práticas de leituras e escritas, acessíveis para as crianças, tanto do primeiro como do segundo ano, foi difícil lidar com essa situação por que tinha alunos na sala que já estavam adiantados nesse processo, onde já sabiam lê e escrever, tirar do quadro e outros que ainda estavam na fase de cobrir. Passava a tarefa no quadro para alguns e para quem não sabia tirar do quadro, fazia a tarefa no caderno. Fazia ditado de palavras e explicava que poderiam tentar escrever as palavras da forma que cada um soubesse, tinha aluno que a caligrafia era como se fosse um código, que nem o próprio aluno sabia o que estava escrito.

Levava para a sala de aula cartazes, imagens das letras do alfabeto maiúsculo, e minúsculo, dos números, etc. O alfabeto é um material imprescindível na sala de aula, principalmente para os alunos dos anos iniciais, ele constitui um material de apoio de consulta. A grafia das letras e a sequência são elementos percepção, comparação e elaboração de hipóteses. Para incentivar a criança a conhecer e começar a desenvolver a leitura e escrita. Todos os dias tinham leitura no livro, passava em carteira em carteira pra que cada um pudesse desenvolver o habito pela leitura. Contava historinhas infantis para eles, faziam perguntas da história para observar quem estava prestando atenção. Sabemos que não é uma tarefa fácil, por que neste processo a criança ela depende muito do alfabetizador. Diante da realidade de cada aluno é preciso acreditar que a criança pode e vai aprender e que tem potencial para aprender, mais só conseguimos ensinar quando acreditamos em nós mesmos e nos alunos.

Diante do exposto surge a seguinte questão problema: Quais as estratégias de leitura utilizadas pelo professor do 1ºano do Ensino Fundamental (EF) da Unidade Escolar Heitor Pedrosa, em Santa Quitéria Velha¹, município de Santa Quitéria do Maranhão?

Alguns anos atrás era conhecida como a cidade, passou-se alguns anos depois e a maioria das famílias que moravam lá foram se mudando para a Santa Quitéria, que hoje se tornou a cidade. A Santa Quitéria Velha se tornou um povoado da cidade de Santa Quitéria do Maranhão–MA.

¹Santa Quitéria nova sendo povoada em 1912, pela população de Santa Quitéria velha devido as grandes enchentes. As pessoas que viviam nessa pequena comunidade Chamada devido a santa que ali se encontrava, mas com o passar do tempo a santa foi levada para o ceara onde o município tem o mesmo nome de Santa Quitéria. Devido a tantas calamidades, foi construída a cidade do Bacuri, que logo mais tarde ficou conhecida e que até hoje chamamos de Santa Quitéria do Maranhão.

A pesquisa foi realizada na referida instituição, localizada Santa Quitéria Velha, em Santa Quitéria do Maranhão – MA, visto que a mesma atende alunos de camadas populares, e o objetivo deste estudo é analisar as práticas de leituras e escrita investidas pelos professores para compreender as dificuldades de aprendizagem dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental da instituição pesquisada.

No que diz respeito às questões de ordem metodológica a pesquisa adotou o enfoque neste estudo a pesquisa qualitativa. Utilizou-se a pesquisa de campo que serviu para coleta de dados no campo de pesquisa e identificar na instituição selecionado o desenvolvimento da relação entre a leitura na escola e as práticas. Utilizou-se também a revisão bibliográfica para aprofundar o conhecimento sobre o tema abordado, por meio de livros, artigos e revistas sobre o tema investigado.

De acordo com Ruiz (1991, p. 50)

a pesquisa de campo consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente relevantes para anteriores análises. [...], as etapas que compõem a pesquisa de campo são: pesquisa bibliográfica, determinação de técnicas de coleta, registro e análise dos dados.

Desse modo, utilizou-se como instrumento para coleta de dados, o questionário, pois este possibilitou-nos obter informações por parte dos professores, além de permitir, a nosso ver, uma melhor forma de organização das respostas em forma de tabulação. “Para Gil o questionário é uma técnica de investigação que também permite o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. (1999, p.128)

Como mencionamos, a pesquisa de campo ocorreu na Unidade Escolar Heitor Pedrosa da rede municipal, que atende educação infantil, ensino fundamental e EJA, localizada na zona urbana de Santa Quitéria do Maranhão – MA. Atualmente existe um total de 10 professores, contudo o universo desta pesquisa compreende 1 (um) docente, que atende alunos do ensino fundamental menor.

Sabendo-se que o objetivo do educador como instrumento humano, indispensável da educação é encontrar procedimentos educacionais que abrange esse universo de pensamentos e leve em consideração inúmeros anseios sociais como: estratégias de leitura, concepções sobre a alfabetização na prática leitora, sem jamais perder de vista flexibilidade, a coerência, contexto histórico e social. Sem nenhuma dúvida de que dentro desse contexto, se insere a leitura como um instrumento pedagógico valioso para a aquisição dos objetivos da escola e do educador de que falamos acima. Evidentemente, que a prática docente no ensino de leitura e

escrita, dentro de um contexto educacional, deve levar em consideração não só a consecução de objetivos, mas também, o processo de formação humana do próprio indivíduo como um letrado (intelectual) produtivo, qualitativo, democrático e social que lhe é natural.

Por esta perspectiva, vê-se a necessidade da formação de leitores, pois se percebe que sua participação no contexto social depende de sua visão de mundo, de seus valores, de seus conhecimentos, de sua reflexão e visão crítica, enfim da leitura e escrita como instrumento do conhecimento.

Diante dos impasses tecnológicos e culturais, a escola se revela como uma das instituições ameaçadas pelos novos rumos da sociedade. Espaço privilegiado do saber, a escola mantém a escrita da palavra como texto básico do ensino, embora o mundo das imagens virtuais já faça parte da realidade de muitos alunos.

Portanto, aprender a ler é não só uma das maiores experiências da vida escolar. É uma vivência única para todo ser humano. Ao dominar a leitura abrimos possibilidades de adquirir conhecimentos, desenvolver raciocínios, participar ativamente da vida social, alargar a visão de mundo, do outro e de si mesmo. Ler e escrever devem ser considerados dois atos inseparáveis. A prática da leitura favorece a escrita, ou seja, quem tem hábito de ler tem mais condições de refletir sobre as ideias e formular opiniões. Daí parte um outro fator importante, a linguagem escrita é diferente da oral, mas no dia-a-dia do professor e aluno percebe-se que muitos não conseguem se “libertar” da linguagem cotidiana.

Dessa forma, este estudo está organizado da seguinte maneira:

INTRODUÇÃO - Apresenta o conjunto de aspectos metodológicos articulados a Fundamentação Teórica; Motivações e intencionalidades da pesquisa e sua estruturação.

No segundo tópico analisou-se a importância das estratégias de leitura no ensino fundamental de 1º ano; onde a aprendizagem de leitura e escrita nos anos iniciais. No terceiro tópico procurou-se identificar a prática leitora na escola: concepções sobre alfabetização, onde o nível de interesse e participação do aluno com foco na leitura e escrita, fatores externos e internos ligados à escola.

No quarto sugeriu-se as práticas metodológicas na pesquisa de campo, onde a escola em foco, logo após uma metodologia que esclarece todo o processo da elaboração deste trabalho, analisando ainda, os dados coletados durante a investigação no campo de pesquisa, na observação não participante dos sujeitos pesquisados, como os educadores.

Para finalizar, as Considerações Finais, delineando os pontos críticos observados durante todo estudo da temática.

2 O ENSINO DA LEITURA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Neste capítulo, discutimos a importância do ensino da leitura para o processo de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental. Consideramos que a leitura nos fornece a matéria-prima para a escrita, assim ambas não devem ser entendidas apenas como mais um meio de armazenar informações e sim adquirir conhecimentos que podem e devem ser utilizadas, estudadas, e que tem relação com prazer e emoção, ao mesmo tempo que estão ligadas ao esforço pedagógico dos professores.

A dificuldade de leitura, deficiência vinda nos anos iniciais acentuada pela evasão ou repetência diminui a probabilidade de desenvolvimento oral e escrito, principal forma de aquisição do aprendizado nas demais disciplinas. Vejamos o que Cagliari (1993, p. 312) afirma sobre a relação entre leitura e escrita na escola.

ler é decifrar e buscar informações. Já se sabe que o segredo da alfabetização é a leitura. Alfabetizar é, na sua essência, ensinar alguém a ler, ou seja, a decifrar a escrita. Escrever é em decorrência desse conhecimento e não o inverso. Na prática escolar, parte-se sempre do pressuposto de que o aluno já sabe decifrar a escrita, por isso o termo “leitura” adquire outro sentido. Trata-se, então, da leitura para conhecer um texto escrito. Na alfabetização, a leitura como decifração é o objeto maior a ser atingido.

Nesse sentido, cabe ao professor trabalhar textos diversificados que despertem o interesse. Compreendendo que o processo de aprendizagem acontece internamente e aflora de acordo com os conteúdos e as vivências individuais, aprendizagem de forma significativa torna-se ponto nodal onde o educador propiciará interação entre alunos e conteúdo para que de fato a aprendizagem aconteça possibilitando compreensão dos usos sociais da escrita. (WALDOW; BORGES; SAGRILO, 2006).

Todo texto organiza-se dentro de um determinado gênero discursivo, cuja noção encontrou, pela primeira vez, uma extensão considerável na obra de Bakhtin (1992, p. 279), que define gênero como “tipos relativamente estáveis de enunciados” elaborados pelas diferentes esferas de utilização da língua. A variedade dos gêneros é infinita, pois cada esfera da atividade humana possui um repertório de gêneros do discurso que se diferencia e se amplia à medida que a própria esfera se desenvolve.

Percebemos que a prática da leitura pode ocorrer de muitas maneiras, mas é o próprio leitor que dita o seu interesse, as suas motivações, as suas vontades que o levarão ao hábito da leitura, pois para ler o leitor leva em consideração a influência que recebe do

ambiente ao seu redor, ou seja, desde a sua posição para ler aos instrumentos como o lápis, dicionário, livros que o auxiliaram nessa leitura.

A aprendizagem da leitura sob o prisma do processo de desenvolvimento da criança, segundo as teorias de Jean Piaget. Todas as atividades da criança são “leituras da experiência”, ou seja, quando ela leva um objeto à boca, quando agarra, puxa e encaixa objetos, quando ouve e imita sons etc., ela está lendo o mundo que a cerca. (KRAMER, 2010)

A necessidade de aprendizagem da leitura, em um determinado momento, passa a ser uma imposição social, pois amplia o campo de ação da criança e aumenta suas possibilidades de assimilar o mundo, de organizá-lo. Neste momento, a criança aprende a ler facilmente. Portanto é um período muito importante, quando a crianças se apropriam das formas humanas de comunicação. E adquirir a habilidade da leitura e da escrita permite que elas ampliem sua experiência cultural. Devemos, portanto, promover atividades e experiências que estimulem naturalmente a necessidade da criança de aprender a ler.

Em geral, a leitura, ou alfabetização, é vista como um momento especial de aquisição de um conhecimento específico, para o qual se volta toda a ação pedagógica. Por outro lado, não percebendo as etapas de desenvolvimento da criança, elas impõem “métodos” e exaustivas repetições que, além de se revelarem inúteis, terminam por ser extremamente violentos para a criança (LIMA, 2000, p.64).

A alfabetização deve ser entendida, pois, como um processo que se inicia com a criança pegando, ouvindo, combinando e experimentando objetos. Consiste na leitura dos signos gráficos (palavras). O que vem ocorrendo nas práticas pedagógicas, por um lado, é que elas não concebem a leitura como um processo construtivo e sequenciado, que depende da globalização das ações do sujeito na construção do seu próprio conhecimento.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 55):

É preciso superar algumas concepções sobre a aprendizagem inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer leitura para compreender o que tentam ler.

A leitura não é mais considerada mera decifração de sinais, letras, palavras. Ela vai além do que está escrito no papel ou em qualquer outro veículo de comunicação. O ato de ler deve ser desenvolvido desde a infância, alimentado durante a adolescência e mantido pelo resto da vida. Essa prática se consolida a partir do momento em que a literatura toma os leitores pelas mãos, e os levam a conhecer o mundo da imaginação.

Como explica Morais (1986, p. 17):

Este processo inicial da leitura, que envolve a discriminação visual dos símbolos impressos e a associação entre Palavra impressa e Som, é chamado de decodificação e é essencial para que a criança aprenda a ler. Mas, para ler, não basta apenas realizar a decodificação dos símbolos impressos, é necessário que exista, também, a compreensão e a análise crítica do material lido. Sem a compreensão, a leitura deixa de ter interesse e de ser uma atividade motivadora. Na verdade, só se pode considerar realmente que uma criança lê quando existe a compreensão.

Nesse sentido, é possível formar leitores a partir do momento em que adquiram o hábito de ler. Se isso não for feito, a leitura fica vinculada a práticas distorcidas, sem aprofundamento, por isso ineficaz, incapaz de criar hábitos constantes. Os PCN (id, p. 58) ainda acrescentam que: “(...) É fundamental ver o professor envolvido com a leitura e com o que conquista por meio dela. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também”.

2.1 O espaço da leitura na vida infantil

A leitura como prática deve estar inserida em um conjunto de ações sociais e culturais e não exclusivamente escolarizadas, entendida como prática restrita ao ambiente escolar. Portanto, pensar políticas de leitura extrapola o âmbito da escola – como lócus e como função, mas sem dúvida não pode prescindir dela, inclusive por ser a instituição pública das mais democratizadas, pela qual quase todos recentemente conseguem chegar e passar ainda que, em muitos casos, descontinuamente e sem sucesso. (BERENBLUM, 2009).

A importância é reconhecer a leitura e sentir atração por ela, para ampliar seus conhecimentos. Geraldi (2006) diz, textos curtos permitem um “maior nível de profundidade”, já que podem ser trabalhados em espaços mais curtos de tempo.

Ao analisar as concepções de leitura presentes no interior escolar podemos constatar que muitas vezes a escola alfabetiza, mas não produz leitores capazes de ler de acordo com os contextos sociais existentes e que ainda valoriza sobremaneira a leitura instrumental, em que aprecia apenas a emissão em voz alta dos signos linguísticos. Por esse motivo, muitas crianças que conseguem emitir corretamente os sons das palavras são considerados leitores eficientes pelo educador, o que acaba desenvolvendo atitudes excludentes para com os alunos que não são considerados como tal. Assim sendo, muitas vezes as crianças não conseguem ou se recusam a ler textos mais extensos e/ou se sentem

desmotivadas, principalmente aquelas que, durante sua vida escolar, não conseguiram realizar a leitura como o ritmo e entonação considerados adequados pela tradição escolar.

Trata-se da importância de incentivar a leitura de todos os tipos de texto. Convém então ter critérios claros para a seleção de textos motivadores. Portanto, é importante reforçar que do ponto de vista social, o domínio da leitura é indispensável para democratizar o acesso ao saber e à cultura letrada.

Do ponto de vista psicológico, a apropriação de estratégias de leitura diversificadas é um passo enorme para a autonomia do aluno. Essa autonomia é importante para vários tipos de desenvolvimento, como o cognitivo, que permite estudar e aprender sozinho; o afetivo, pois a leitura está ligada também ao sistema emocional do leitor; finalmente, permite desenvolver a capacidade verbal, melhorando o conhecimento da língua e do vocabulário e possibilitando observar como os textos se adaptam às situações de comunicação, como eles se organizam e quais as formas de expressão que os caracterizam.

Nesse sentido, Solé (1998, p.3) ressalta:

Que a leitura é um processo contínuo de interação entre o leitor e o texto; neste processo de leitura se satisfaz os objetivos que guiam a leitura e a interpretação da mesma. Ou seja, o processo literário contribui bastante para que os estudantes desenvolvam uma mentalidade capaz de assimilar rapidamente as situações e de definir o que é certo e o que é errado. A entrada da criança no mundo da leitura e da escrita corresponde à abertura de inúmeras portas, antes inacessíveis à mesma. A mediação do outro para a formação do aluno deixa, portanto, de ser um planejamento último, passando apenas a um dos meios capazes de influenciar os alunos a lerem e interpretarem o que leem.

Segundo Freire (1995) a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra. O ato de ler se veio dando na sua experiência existencial. A leitura do seu mundo foi sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrevê-lo, e transformá-lo através de uma prática consciente.

A leitura não é mais considerada mera decifração de sinais, letras, palavras. Ela vai além do que está escrito no papel ou em qualquer outro veículo de comunicação. O ato de ler deve ser desenvolvido desde a infância, alimentado durante a adolescência e mantido pelo resto da vida. Essa prática se consolida a partir do momento em que a literatura toma os leitores pelas mãos, e os levam a conhecer o mundo da imaginação.

Interpreta Jolibert (1994), não basta ler e produzir textos, é preciso ensinar a ler e a produzi-los, não reduzindo o ato de ler/escrever ao ensino de simples técnicas, mas envolvido profundamente na atividade do leitor/produtor de texto.

Nesses termos, a aprendizagem se dá na mediação entre professor e aluno e na relação interlocutiva, sendo gradativa em função do que se ensina, do que se planeja e do que se espera atingir em determinados níveis de escolaridade. Aprende-se a ler/escrever, não a partir de treinos mecânicos, repetições e modelos sem sentido, mas a partir de situações concretas, em que o aluno sabe o que está fazendo, para quê e para quem o faz. Só assim é capaz de atribuir um significado ao que lê e escreve e, dessa forma, desenvolver suas estratégias de leitor/produtor de texto.

A partir desse ponto de vista, uma atenção particular é dada à articulação ler/escrever, sabendo-se, nas palavras de Geraldí (1996, pp. 70), que aprender a ler é (...) ampliar as possibilidades de interlocução com pessoas que jamais encontraremos frente a frente e, por interagirmos com elas, sermos capazes de compreender, criticar e avaliar seus modos de compreender o mundo, as coisas, as gentes e suas relações. Isto é ler. Escrever é ser capaz de colocar-se na posição daquele que registra suas compreensões para ser lido por outros e, portanto, com eles interagir.

Como enfatiza, Isabel Solé (1998, p. 41) diz:

O leitor se propõe a alcançar com a leitura, pois ela é crucial, porque determina tanto as estratégias responsáveis pela compreensão, quanto o controle que, de forma inconsciente, vai exercendo sobre ela, à medida que lê. Isto é um pouco difícil de explicar, mas acontece. Enquanto lemos e compreendemos, tudo está certo, e não percebemos que, além de estarmos lendo, estamos controlando o que vamos compreendendo.

Compreende-se que a autora, revela-nos que há estratégias, de como leitor pode deduzir ou mesmo ter o controle da compreensão do que estar lendo. Portanto, o capítulo a seguir, trataremos da prática leitora nas concepções da alfabetização na escola.

3 PRÁTICAS DE LEITURA

Apesar da importância da leitura na contribuição do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do aluno, esta não poderá ser desenvolvida sem o auxílio do educador. A tarefa principal seria desenvolver na criança o gosto pela leitura, mostrando o sentido que tem a mesma no nosso cotidiano. Assim, compreendendo que, para obter uma boa leitura, é necessário a vontade e o desejo de desenvolver tal habilidade, uma das formas de garantir tal resultado é inserir a leitura na rotina diária da criança. Uma rotina escolar bem organizada pode gerar um hábito na criança que, como o passar dos anos torna-se autônoma no processo do ato de ler.

De acordo com o autor (LEAL, 2004, p.02):

As crianças aprendem, através dessas rotinas, a prever o que fará na escola e organizar. Por outro lado, a existência dessas rotinas possibilita ao professor distribuir com maior facilidade as atividades que ele considera importantes para a construção dos conhecimentos em determinado período, facilitando o planejamento diário das atividades didáticas.

No processo de planejamento de trabalho com leitura, deve-se ter como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes têm sua origem na prática de leitura, espaços de construção de intertextualidade e fonte de referência modalizadoras. Outra forma de organização de trabalho é os projetos didáticos que podem contribuir para a formação de leitores infantis.

3.1 Métodos de leitura no processo de formação do leitor infantil

Um recurso utilizado durante muitos anos na prática de alfabetização é o método da cartilha, que é agrupada ao processo de ensino da leitura e escrita, sendo, muitas das vezes, o único material para realização desse procedimento. Tasca (1986) atribui a dificuldade de desempenho linguístico das crianças à artificialidade da linguagem das cartilhas. Por acreditarem que o sistema da escrita depende do sistema oral e aprende-se a ler transformando o signo escrito em signo oral, para depois se chegar à compreensão textual, as cartilhas são compostas por textos sem sentidos, sem coesão, repetitivos. A relação entre a oralidade e a escrita é o ponto inicial em que o aluno vai aprender a escrever, mas é necessário considerar a variante linguístico presente nas regiões e lugares e não aceitar a relação letra e som como um

prestígio para qualquer falante da língua, porque tendo vários dialetos, o ensino da escrita pelo método fônico será um equívoco.

Os métodos de iniciação da leitura e escrita são: o método sintético, que leva o aluno a combinar os elementos isolados da língua: sons, letras e sílabas; e analítico, que trata de métodos que levam o aluno a analisar o todo (palavra) para se chegar às partes que a compõem. O método sintético está subdividido em alfabético ou soletrativo, fonético e silábico. Alfabético, o aluno aprende a sequência do alfabeto e para combinar as letras entre si para formar sílabas e palavras; já o fonético, aprende, inicialmente, os sons das letras isoladas e depois reúne em sílabas que formarão as palavras; o silábico, o aluno aprende, inicialmente, as sílabas, a combinação entre elas e chega à palavra. (MORAIS, 2012. p.28)

Esses métodos fundamentam em regras de correlações letra-som, mas são apropriados apenas para realização de leitura de palavras regulares e inventadas, porém, dificultam a leitura de palavras irregulares e homônimas. Já o método analítico subdivide-se em: palavração, sentencição e contos e historietas. No método de palavração, a palavra é apresentada ao aluno, quase sempre seguida de uma imagem, entretanto, a atenção é conduzida aos detalhes da palavra como sílabas, letras e sons. E estes, depois agrupados, auxiliam o aluno a enfrentar palavras novas com autonomia de leitura. A sentencição, o aluno parte de uma frase que a turma está debatendo, visualiza e memoriza as palavras que compõem esta sentença, a seguir, analisa as sílabas que formam cada palavra para formar novas palavras. E, por fim, contos e historietas são uma ampliação do método de sentencição, o aluno parte de pequenas histórias, letras de músicas, para se chegar às palavras, sílabas e, com estas sílabas, formar novas palavras. (MORAIS, 2012. p.29)

Pode-se questionar sua visão dicotomizada sobre a prática pedagógica (como se fosse possível atuar com os métodos sem trabalhar os conteúdos envolvidos); de outro, constata-se seu caráter de happening ou evento inteiramente desarticulado, não só do trabalho concreto dos professores, mas também das condições necessárias (e que geralmente não existem) para a mudança.

Outros conteúdos, principalmente os que envolvem o letramento, são ensinados por meio de experiências contextualizadas e pela vivência de diferentes práticas de leitura e de produção escrita na escola e, por outro lado, pela familiarização com outros ambientes letrados além da sala de aula. A realização cotidiana de elaborar junto com os alunos a agenda e sua consulta ao longo do dia também contribui para o desenvolvimento da habilidade de leitura de horários e auxilia na identificação do uso da escrita no planejamento das atividades escolares.

A leitura e a escrita são processos muito complexos e as dificuldades podem ocorrer de maneiras diversas. Portanto, no tópico a seguir, veremos as formas dessa organização para que o trabalho de leitura e escrita tenha um papel de aquisição nesse processo.

3.2 Formas de organização do trabalho pedagógico no processo de aquisição da leitura e da escrita

A organização da prática do professor envolve a forma como este realiza seu trabalho, as ações e estratégias eleitas para desenvolvimento da rotina em sala de aula. Dependendo do espaço escolar, algumas vezes essas ações são construções coletivas ocorridas por meio de debate entre seus pares no próprio contexto da escola em momentos como reuniões de planejamento ou encontros formativos. A gestão de sala de aula também depende de fatores internos e externos de organização, como questões sobre organização curricular, projeto político pedagógico da escola. Dentre os fatores internos de sala de aula, observamos a organização da forma de apresentação dos conteúdos, tais como atividades permanentes, atividades sequenciadas, situações independentes e projetos.

A escolha pelo desenvolvimento de projetos de trabalho (Hernandez, 1998) é uma metodologia que pode ser incorporada aos planejamentos diários. A realização de projetos na sala de aula é uma estratégia didática que favorece o desenvolvimento de atividades diferenciadas, pois utiliza textos de diferentes gêneros como fonte de consulta dos temas propostos para estudo.

Para aplicação do projeto didático é necessário considerar que, para desenvolver habilidades de leitura e escrita, não basta apenas ficar falando sobre leitura/escrita ou apenas mandando o aluno ler e escrever sozinho, sem qualquer estratégia que o auxilie a melhorar seu desempenho. Algumas estratégias são necessárias o professor ter em mente: (re) contar as experiências com livros, a trajetória com a leitura e escrita, as histórias de vida, é crucial para formar alunos leitores. De acordo com Solé (1998), é o professor, que na função de mediador deve incentivar o aluno, este processo ocorre dando a opção ao aluno ao acesso a textos desconhecidos, utilizando práticas de leitura fragmentada, inserindo na rotina a leitura de até duas páginas por dia. Tal metodologia foge do ritual comum de salas de aulas em que, como afirma Castanheiro (2009, p. 100), ensinar a ler está associado à proposta de perguntas sobre o texto em que devem ser respondidas como tarefas de casa sobre interpretação textual. Como ressalta a autora, deve-se entender que

Ensinar a ler é, entre outras ações, levar o aluno a relacionar o assunto do texto a conhecimentos prévios enciclopédicos e de suas experiências de vida, inclusive experiências de outras leituras. Ensinar a ler é mostrar as estratégias usadas pelo autor para distribuir as informações ao longo do texto, dando prioridade a algumas e colocando outras como pano de fundo.

Outro ponto a ser considerado é deixar claro o objetivo da leitura para o aluno, está precisa ter consciência dos motivos que estão levando a realizar tal ato. Para tanto, é preciso considerar que existem “[...] diferentes formas de estruturação dependendo do gênero que se lê, levantando as informações, mostrando as relações entre uma e outra, perguntando sobre as partes principais e as secundárias, sobre a tese e os argumentos, sobre a estruturação de cada gênero.”. Castanheiro (2009, p.100).

Solé (1998) destaca alguns objetivos que podem ser apresentados aos alunos para realização de leitura: 1. Para obter uma informação precisa; 2. Para seguir determinada instrução; 3. Para obter uma informação de caráter geral; 4. Para aprender; 5. Para revisar um escrito próprio; 6. Por prazer; 7. Para comunicar um texto a um grupo; 8. Para prática de leitura em voz alta; 8. Para verificar se compreendeu algo. Como podemos observar estas ações estão relacionadas com atividades permanentes em sala de aula ou até inseridas como etapas de um projeto didático.

Na prática, há momentos em que as estratégias inovadoras são utilizadas tendo em vista a aquisição dos conteúdos e há situações em que as estratégias mais convencionais, além de visarem à transmissão dos conteúdos, são empregadas com o objetivo de favorecer a criatividade, a compreensão dinâmica ou outros aspectos que seriam identificados com as pedagogias novas.

Quase todas falam da leitura/escrita primeiro como estratégia de sobrevivência, depois como instrumento de ascensão. Poucos se referem ao significado imediato desse processo (leitura de livros, jornais, revistas), geralmente relacionando-o a um motivo remoto (a médio e longo prazos), muito ligado às suas condições de vida (Kramer, 2010, p. 55)

De acordo com a autor acima, foi busca na teoria os conhecimentos capazes de favorecer a reflexão sobre as questões enfrentadas na prática, permitindo-nos compreender quais são os determinantes da alfabetização. A importância da interação para o desempenho positivo dos alunos, assim como o incentivo às trocas constantes, aos intercâmbios infantis e experiências com a escrita.

As primeiras teorias relacionadas à leitura dizem que a leitura acontece através de uma metodologia visual, enfim, sucessivamente, o aluno começa a adquirir conhecimento sobre as relações letra-som e, por fim, a estrutura ortográfica da língua é internalizada. Sendo assim, a leitura inicia-se das táticas logo gráficas, grafo fônicas e ortográficas e a escrita, o início da estratégia alfabética. (LIMA, 1999, p. 63)

A formação do professor é condição básica para que se efetive uma política de formação de leitores no âmbito da escola. Não se trata de um professor que apenas leia, mas de um professor que leia com competência e autonomia, capaz não apenas de incentivar seus alunos, mas de mostrar-lhes as sutilezas e entrelinhas dos textos, em especial dos textos escritos.

Para o leitor poder compreender, o texto em si deve se deixar compreender e o leitor deve possuir conhecimentos adequados para elaborar uma interpretação sobre eles. (AUSUBEL, 1978, p.71).

3.3 A formação do professor

De acordo com Carvalho (2003), para o professor, a primeira turma de alfabetização é uma responsabilidade que preocupa e assusta. Colegas de trabalho e famílias dos alunos estão atentos aos resultados. Quem tem êxito constrói uma reputação valiosa. Quem fracassa, recebe no ano seguinte uma turma mais fraca, de crianças mais pobres, repetentes, que não tem quem olhe por elas.

O professor alfabetizador é aquele membro mais experiente, que de posse dos conhecimentos e conteúdos necessários, incentiva a compreensão destes e a produção de novos conhecimentos, contribuindo na formação de alunos capazes de gerar a construção dos saberes, a partir da sua reflexão-ação-reflexão e a de seus pares.

O professor que questiona a eficácia dos diversos métodos de alfabetização como o uso de cartilhas, do método tradicional, métodos fônicos, dos materiais excessivamente estruturantes utilizados, frequentemente, percebe que é preciso fazer mudanças. Para isso é fundamental que o alfabetizador conheça cada uma dessas vias para identificar as respectivas consequências, pois cada concepção orienta práticas pedagógicas diferentes, sendo diferentes, também, os resultados alcançados. Ao adotar a metodologia de alfabetização, definirá também suas atitudes e posturas em sala de aula, bem como os materiais que utilizará, priorizando as competências e habilidades a serem construídas pelos alunos.

De acordo com Teberosky (2003), acreditar que o aluno pode aprender é a melhor atitude de um professor para chegar a um resultado positivo em termos de alfabetização. A grande vantagem de trabalhar com os anos iniciais de alfabetização é ter a evolução natural a seu favor. Se não existe patologia, maus-tratos familiares ou algo parecido, eles são máquinas de aprender. Processam rapidamente as informações, têm boa memória, estão sempre dispostos a receber novidades e se empolgam com elas. Um professor que não acha que o estudante seja capaz de aprender é semelhante a um pai que não compra uma bicicleta para o filho porque esse não sabe pedalar. Sem a bicicleta, vai ser mais difícil aprender!

O professor alfabetizador tem a responsabilidade de abrir as portas do conhecimento as crianças que de alguma maneira já tem a sua disposição várias janelas abertas à sua redundância. É preciso refletir sobre as diferentes alfabetizações que são vividas pelas crianças em seu cotidiano, os saberes e as leituras produzidas nesses embates, para que, reconhecidos e mobilizados dentro da escola, possam se tornar a base do processo de apropriação da linguagem escrita. (TEBEROSKY,2003),

Certas características e problemas comuns às estratégias de formação dos professores em serviço (treinamento, reciclagens, cursos, encontros etc.), e possíveis contribuições para o enfrentamento desses problemas e, portanto, para a melhoria da qualidade do ensino.

A convicção é a de que a prática que tem sempre uma teoria que a orienta, teoria que, por sua vez, precisa volta-se à prática, é reflexão dinâmica do fazer cotidiano, geradora de nova busca de teoria. É esse o movimento dialético em que acreditamos: o do conhecimento como curso jamais linear ou mecânico, mas que sempre evolui, que é construído no coletivo e, tal como a arte, envolve as tormentas da criação (KRAMER, 2010).

As propostas, materiais ou pacotes metodológicos são repassados para a equipe da própria instância central que irá proceder aos treinamentos. Os mesmos não geram as mudanças esperadas no cotidiano tem levado alguns sistemas de ensino a empreenderem, ocasionalmente, tentativas de natureza bem diversas: os chamados “treinamentos atitudinais” ou “encontros de vivências”.

Através da criação de histórias, individual ou coletivamente, em que o desenho e a palavra escrita pareçam vivos. O sucesso na aquisição da leitura e da escrita não é apenas uma estratégia que visa os alunos a continuarem na escola. Segundo KRAMER (2010) reconhece o quanto esse aspecto é importante, mas penso que é a concretização da função social e cultural da alfabetização no dia a dia da vida das crianças o que garante a sua efetividade.

Salas de leitura, bibliotecas públicas (regionais, municipais ou estaduais), círculos de leitura, núcleos de estudo e de leitura coletiva são, assim, espaços capazes de viabilizar as condições necessárias à formação de alunos como leitores. É fundamental, porém, compreender que ler e escrever constitui apenas uma etapa do desenvolvimento e que, sem uma sólida estrutura anterior (riqueza de experiências, de vocabulário etc.), ela será mais difícil de alcançar.

Dentro de uma perspectiva verdadeira de ensinar para formar cidadãos, pauta-se a pedagogia da autonomia direcionada ao aluno, este na visão de Freire (2004) não é apenas uma tábula rasa ou um mero receptor que deve ser alienado pela ideologia dominante e receber toda a autoridade do professor como se ele detivesse todo o saber.

Ao professor, segundo Freire (2004), cabe educar para a consciência, e nunca propor apenas a sua visão como a única, a verdadeira e correta. O aluno deve sempre ter autonomia para escolher o caminho a seguir.

O educador deve sempre compreender que é um ser inacabado, predisposto ao erro, que tem suas falhas e suas potencialidades também, contudo não é o dono do saber, por esta razão é que deve sempre buscar a transformação. Ele deve reconhecer que está condicionado, às questões que a sociedade o impõe, pois por mais que acredite que se mantém distante das questões ideológicas, o docente sempre está envolvido, mesmo que subjetivamente, aos aspectos ligados à política, a economia e a todas as variáveis que são coordenadas pelo estado.

É o meu bom senso que me adverte de que exercer a minha autoridade de professor na classe, tomando decisões, orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando a produção individual e coletiva do grupo, isto não é sinal de autoritarismo de minha parte. É a minha autoridade cumprindo o seu dever (FREIRE, 2004, p. 61).

É muito difícil julgar o nível conceitual de uma criança, considerando unicamente os resultados, sem levar em conta o processo de construção. Só a consideração conjunta do resultado e do processo permite-nos estabelecer interpretações significativas. É no próximo capítulo que analisaremos essa realidade.

4 A REALIDADE DA EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE SANTA QUITÉRIA – EDUCAÇÃO E CRIANÇA LEITORA

Neste capítulo buscamos analisar como a formação de alunos leitores se articula ao papel do professor e de suas práticas pedagógicas na realidade da educação no município, principalmente na escola campo. As práticas de leitura são realizadas através de leituras no livro didático, em textos xerocopiados, que a professora trás para a sala de aula, a leitura é feita tanto individual como coletiva, e compartilhada sempre que a professora faz a tarefa no quadro, a mesma busca juntamente com os alunos fazer a leitura do que está sendo escrito. A professora procura sempre estimular e desenvolver a oralidade das crianças com leitura de frases e textos pequenos, leitura de imagens através de cartazes que são expostos nas paredes da sala. A partir de leituras de histórias infantis contada pela professora na sala, ela busca motivar a criança o gosto pela leitura fazendo com que o aluno desperte a curiosidade, para desenvolver sua imaginação.

As práticas de escrita são realizadas através de atividades que são feitas no quadro, o aluno copiando, ditados de palavras, escrita do próprio nome, cobrir tracejados, trabalho com desenho. A professora quando vai realizar a tarefa no quadro sempre escreve letra por letra e vai fazendo a leitura de cada letra, para que a criança tente escrever de forma correta. Procura realizar atividades que atende as necessidades da criança e incentive a desenvolver a escrita sem ajuda do professor. As crianças estão ainda iniciando o processo de aprendizagem, buscando assimilar o que sua fase de alfabetização permite, podendo elaborar hipótese em seu processo de leitura e escrita, e compreendo o que está sendo ensinado para sua construção de conhecimento.

A leitura para um aluno é de suma importância e pode enriquecê-lo como pessoa, pois o fato de ler uma carta, uma receita ou qualquer outro texto do seu cotidiano certamente elevará a sua autoestima e a capacidade de entendimento e compreensão do mundo e pode dá um novo significado à vida escolar. Segundo Feitosa:

A leitura da palavra, não é só precedida pela leitura de mundo, mas apresenta-se como uma forma de reescrevê-lo. Essa é, para ele, a essência da alfabetização. Ao organizar seu trabalho de alfabetização partindo do universo vocabular do grupo de educando (as)(FEITOSA, 2008, p. 16).

Partindo desta afirmação é relevante que se dê a devida importância ao conhecimento prévio do educando, pois, a leitura é um passaporte para se conhecer o mundo,

mas pode ser uma maneira de reescrever a própria história e criar um novo mundo onde o mesmo possa sobressair-se e dá um novo significado à vida escolar e conseqüentemente à escola como um todo.

Na busca desse conhecimento, que se perpetua ao longo da história da civilização, percebe-se que quanto mais cedo o homem iniciar seu processo de aquisição da leitura, mais cedo germinará bons resultados. Ou seja, a infância como uma fase especial de evolução e formação do ser, deve despertar-lhe para este mundo, o mundo da simbologia, o mundo da leitura.

No dizer de Bárbara Vasconcelos de Carvalho (*apud* PAULA, 2007, p. 3):

O conto infantil é uma chave mágica que abre as portas da inteligência e da sensibilidade da criança, para sua formação integral. O que fez Andersen o grande escritor universal e imortal foram as estórias ouvidas quando criança.

Por outras palavras, a imaginação humana é imperiosa para a construção do conhecimento, e conhecimento também é arte, daí a importância da Educação Infantil que enriquece essa imaginação da criança, oferecendo-lhe condições de liberação saudável, ensinando-lhe a libertar-se do que é real, pelo espírito, levando-a a usar o raciocínio e a cultivar a liberdade e o hábito da leitura.

Nessa caminhada na construção do conhecimento humano, não deve se esquecer a relatividade da importância dos livros didáticos, muitas vezes o único acesso disponível para a maioria do público infantil.

A escola, espaço que se convencionou como sendo específico e privilegiado do saber, no que concerne à leitura, precisa rever suas práticas, sobretudo diante de leituras impostas em salas de aulas onde faz comanda duas realidades: de um lado algumas escolas que, ao pretenderem uma rápida atualização com o presente, assimilam o novo sem a devida reflexão utilizando inadequadamente instrumentos modernos de ensino e tornando seus leitores passivos diante de imagens efêmeras.

4.1. Abordagens metodológicas

A pesquisa de campo foi realizada na Unidade Escolar Heitor Pedrosa, que está localizada na zona urbana da cidade de Santa Quitéria do Maranhão na rua Senador José Euzébio. A mesma funciona com a Educação Infantil (pré-escola), Ensino Fundamental anos iniciais e finais e o EJA. Sendo que no período matutino ensino infantil e ensino fundamental

do 1º ao 5º ano, no turno vespertino os anos finais de 6º ao 9º ano e no turno noturno com o EJA.

O espaço físico da escola está dividido em quatro salas de aula, todas possuem ventiladores, quadro branco. A secretaria funciona no corredor da escola, tem dois banheiros um masculino e outro feminino, não tem pátio, o lazer dos alunos acontece num espaço situado no fundo da escola.

Em relação à situação física da escola a pertence ao senhor dono da propriedade onde funciona a escola. O prédio, antes funcionava como um sindicato, e no momento o espaço está sendo alugado para a secretaria de educação de Santa Quitéria do Maranhão. O quadro pessoal da escola é composto por dezesseis funcionários, sendo um gestor, um gestor adjunto, um coordenador, nove professores, dois zeladores e dois vigias. Todos os funcionários são concursados. A escola não possui PPP (Projeto Político Pedagógico). O planejamento escolar é realizado bimestralmente, com a participação dos professores e gestores, buscando sempre um bom desenvolvimento do trabalho. O calendário escolar se encontra fixado no mural da escola, sendo que são duzentos dias letivos. A elaboração do calendário escolar fica a cargo da Secretaria Municipal de Educação.

Na pesquisa qualitativa todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio. Procura-se compreender a experiência que todos os “sujeitos” têm. [...] Em suma: a pesquisa valoriza o ser humano, que não pode ser reduzido a “quantidade”, a “número”, a “esquema generalizado.” (RAMPAZZO, 2005, p. 60).

Os resultados foram obtidos através da análise de questionário, utilizando-se os dados referentes aos objetivos.

De acordo com Ruiz (1991), a pesquisa de campo consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente relevantes para anteriores análises. Ainda segundo este autor, as etapas que compõem a pesquisa de campo são: pesquisa bibliográfica, determinação de técnicas de coleta, registro e análise dos dados. O questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Para iniciar a pesquisa foi elaborado um questionário com dez questões objetivas para as professoras e do 1º ano dos anos iniciais da Unidade Escolar Heitor Pedrosa. Com

intuito de observar a relação entre professor e criança leitora no processo de aprendizagem, enfatizando a leitura.

4.2. Análise e interpretações dos resultados dos questionários

O questionário realizado busca respostas para definir as estratégias sobre a prática da leitura e escrita no Ensino Fundamental. Foram coletadas opiniões da professora, que trabalha 1º ano e 2º ano do ensino fundamental da Unidade Escolar Heitor Pedrosa, respondendo às perguntas que lhes foram feitas para enriquecimento do estudo.

Investigou-se, inicialmente, sobre a formação da docente entrevistada. A escolaridade da educadora é bastante satisfatória, visto que a professora entrevistada tem Pedagogia, um nível superior completo. Sobre o nível de escolaridade da professora, os dados apresentados, na tabela acima pode caracterizar a escolaridade do sujeito da pesquisa.

Na ocasião podemos verificar que a formação em nível superior é maioria em relação ao magistério, o que responde parcialmente a uma exigência da LDB para a docência na Educação Infantil e Fundamental nos anos iniciais.

Segundo Melo (1999), a formação inicial dos professores é apenas um componente de uma estratégia mais ampla de profissionalização do professor, indispensável para implementar uma política de melhoria da educação básica. Nesse sentido, o autor propõe a criação de um sistema nacional de certificação de competências docentes e a priorização da área de formação de professores nas políticas de incentivo, fomento e financiamento.

Segundo informações da profissional da equipe de gestão, a formação no Magistério (nível médio) ou na Pedagogia (nível superior) é uma das exigências para a contratação dessas profissionais pelas instituições.

Quanto ao tempo de formação da professora: tem uma faixa ótima para sua atuação na profissão (13 anos). Isso demonstra que a *professora* tem alguns anos de experiência com a Educação.

Esta junção tem a contribuir com a ciência, uma vez que o velho se renova com o novo e este se embasa com o outro. "Investigar o cotidiano do trabalho do professor, seu fazer docente, implica, inicialmente em respeitar sua inteligência, experiência e avaliação acerca dos problemas que ele mesmo enfrenta e que indiscutivelmente o angustiam". (DIASDA SILVA, 1988, p. 243 - 247).

Em relação à pergunta a professora "Você gosta de ler e escrever?", a professora respondeu que sim, que gosta de ler e escrever. Para fundamentar a resposta apresentamos a

seguir o depoimento da professora registrada no questionário que diz por que respondeu que sim: “Pois ler nos leva ao entendimento das culturas e nos torna reflexivos, formadores de ideias e traz crescimento pessoal. Gosto de escrever porque aprendi que a escrita eterniza.”.

(PROFESSORA)

Entretanto, nas palavras de Geraldi (2006, p. 45),

a maior parte do tempo e do esforço gastos por professores e alunos durante o processo escolar” não com a leitura, e o seu incentivo, “mas para aprender a metalinguagem de análise da língua, com alguns exercícios [...].

Desse modo, as práticas sustentadas dentro da escola, acontecem também fora dela. Por isso, é Kleiman (2000, p. 16) quem diz que “os diversos concursos para cargos públicos e para cargos vagas em colégios e universidades, sejam estes a nível federal, estadual ou municipal, ou do setor privado exigem do candidato o conhecimento fragmentado e mecânico sobre a gramática da língua”. Acredita-se que o gosto pela leitura e sua compreensão, fluem naturalmente, quando o sujeito gosta de ler e quando sua prática é constante.

Outra questão para fomentar nossa pesquisa: Para você, ler bem é? A resposta da professora: “É compreender o que está lendo é ter o entendimento rápido do que o texto quer nos falar.”.

Portanto, aprender a ler é não só uma das maiores experiências da vida escolar. É uma vivência única para todo ser humano. Ao dominar a leitura abrimos possibilidades de adquirir conhecimentos, desenvolver raciocínios, participar ativamente da vida social, alargar a visão de mundo, do outro e de si mesmo. Ler também implica envolver-se numa prática social que “remete a outros textos e a outras leituras” (KLEIMAN, 2004, p. 10). Deste modo, a prática de leitura varia de acordo com a concepção de língua adotada pelo professor.

Além disso, inquirimos também a docente: Escrever bem é? A professora relatou que: “É saber o que você quer escrever e com fundamentação, organização, clareza e que demonstre bem o domínio do português.”.

Discutir o ensino da escrita traz possibilidades de reflexão sobre as práticas pedagógicas pensando “no que” e “como” fazer. “Quando se pretende que o aluno construa conhecimento, a questão não é apenas qual informação deve ser oferecida, mas, principalmente que tipo de tratamento deve ser dado à informação que se oferece”. (BRASIL, 1997, p. 48). Escrever se aprende pondo-se em prática a escrita, escrevendo-se em todas as

situações possíveis: correspondência escolar, construção de livro de contos, de relatos de aventuras ou de intriga, convite para festa, troca de receitas, concurso de poesia, jogos de correspondência administrativa, textos jornalísticos (notícias, editorial, carta ao diretor de um jornal) entre outros.

Ademais, fizemos também à seguinte pergunta a professora: Você considera a escrita e a leitura na escola um processo mecânico? Para a professora: “Infelizmente a leitura e a escrita nas maiorias das escolas são feitas de maneira mecânica e não de forma significativa, são vários os fatores que contribuem para essa prática, assim fazendo com que o país seja entre tantas um país de poucos leitores”.

A partir disso, o PCN (1997, p. 52) explica que “a relação que se estabelece entre leitura e escrita, entre o papel de leitor e de escritor, no entanto, não é mecânica: alguém que lê muito não é, automaticamente, alguém que escreve bem”.

Entretanto, a leitura na escola, como aborda Geraldi (2006, p. 18) “às vezes, pretendendo tornar a aula de gramática mais interessante (e duplamente útil, ilustrando os seus alunos) o professor trazia (ou traz) um texto literário para nele exercitar a busca de substantivos abstratos”.

No entanto, para Geraldi (2006, p. 15) o processo mecânico ainda existe nas escolas, como comprova a presente pesquisa. “À maioria é permitido ouvir, não falar”. O professor é comparado com a televisão que fala a todo o momento, de forma autoritária, e o aluno é o espectador que ouve tudo e, conformado, passivo não opina, concordando com o que ouve.

A partir da fala de Geraldi (2006). O que observei na sala de aula, que esse processo mecânico, acontece diariamente na rotina de professora e dos alunos, quando a professora fica presa ao livro didático, que lê o tempo todo e o aluno, não adquire o conhecimento do texto que está sendo trabalhado, dessa forma torna-se um momento de leitura cansativo e não prazeroso.

Para concluir, Zilberman (1986, p. 16) diz que “a entidade que recebe a incumbência de ensinar a ler, a escola, tem interpretado esta tarefa de um modo mecânico e estático”.

Outra questão foi sobre: *O que você prefere ler mais?* A professora responde livros. Segundo Goodman, (2003, p. 16), Todo o processo de leitura, “como qualquer atividade humana, é uma conduta inteligente” e se dá através de estratégias, sejam elas conscientes ou inconscientes. Segundo PCN (1997, p. 58) a leitura é algo interessante e desafiador que, se conquistado plenamente, dá autonomia e independência ao leitor. Por isso o

leitor gosta de ler, sente-se livre, pode sonhar amar, chorar, rir, conhecer pessoas, descobrir sentimentos e emoções através do mundo das palavras.

A leitura nos dá independência, para irmos a qualquer lugar, lendo e descobrindo os obstáculos que a vida nos propõe.

Acerca de quantos livros a professora ler por mês? A docente respondeu 01 (um). Considerando o índice de livros lidos pela participante que respondeu um(01) livro por mês, o objetivo pelo qual as leituras são feitas e como foram dadas respostas, e por meio do entendimento que a leitura tem hoje em relação ao futuro de cada aluno ou mesmo de cada cidadão. Isso quer dizer que a leitura também é um meio de educar, de sanar dúvidas, responder perguntas, mostrando a relação de intimidade e valorização com que a grande maioria obteve e obtém com a leitura ou com o livro.

Pode-se dizer, com essa resposta obtida, que a docente está desenvolvendo a consciência sobre a função de ler e sua importância, sendo também uma atividade que desenvolve o intelecto, a personalidade do leitor.

Mediante toda a pesquisa concluímos que a professoras têm hábitos de ler diariamente. Essa defasagem percorre longo caminho que vai do ensino fundamental a pós-graduação estendendo-se por toda vida. Pois quando não se entende um enunciado básico, toda leitura será comprometida na prática.

Além disso, perguntamos a professora: Qual o tipo de livros que você lê? Para esta questão obtivemos as seguintes respostas, “livros didáticos e românticos.”.

As respostas alcançadas enfatizam que a leitura está presente em diversas formas, seja através da televisão, da música e dos meios de comunicação e talvez tão mais apreciados do que o livro.

Segundo Freire (1995, p. 11-12): diz “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”.

É importante ressaltar que a prática de leitura deve também proporcionar, uma leitura profunda do cotidiano, de forma que o cotidiano seja lido e ampliando com uma visão crítica que saiba reconhecer a discussão implícita e explícita nos âmbitos sociais, econômicos e culturais e a partir disso modelar o pensamento ideologicamente.

Quando questionamos: Você considera a leitura importante na formação do aluno? A professora respondeu sim. E ainda ressaltou:

A leitura e a escrita elas não são só importantes na formação dos alunos ela é essencial pois é ambos que possibilita uma ampla visão de mundo, tornando esse aluno em um cidadão crítico consciente dos deveres e direitos.

Desde pequeno, a leitura vem se constituindo e, a todo o momento, sua importância é lembrada. Ou seja, a leitura da palavra é realizada em um texto, no entanto, para que a mesma seja significativa e faça sentido, precisa-se fazer um elo com a leitura de mundo, do conhecimento que o leitor possui, de suas relações e interações com o mundo. Para o mesmo autor (FREIRE, 1995, p. 11) “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”.

Quando indagada sobre como oportuniza a leitura em sala de aula, a professora respondeu que: “é consciente que o hábito da leitura, possibilita no aluno uma melhor compreensão do mundo”.

Segundo Geraldi (2006, p. 60) para a leitura de textos longos, de obras, o autor considera importante o enredo, “é o enredo que enreda o leitor. Daí a seleção de romances e novelas para esta atividade”. Outro aspecto encontrado no ato de ler, conforme Soares (2006, p. 25) é como “a literatura se apresenta na escola sob a forma de fragmentos que devem ser lidos, compreendidos, interpretados.”

Certamente “[...] é nesta instância que ela tem sido mais inadequada”. Geraldi (2006, p. 96-97) concorda que a leitura é oportunizada em sala de aula, todavia, em muitos casos, serve como pretexto para ilustrar história, dramatizar uma narrativa ou ensinar metalinguagens. Afirma ainda o autor que uma das preocupações dos profissionais que trabalham com a leitura, se refere à avaliação. “Como vou saber se o aluno leu o livro, se não exijo resumos, fichas de leitura, etc.? Ou ainda: Como vou analisar a qualidade/profundidade da leitura do aluno?”

Dessa forma, Geraldi (2006, p. 111) aconselha “que notas, pontos, etc., são pouco representativos”, lembra (GERALDI, 2006, p. 61) que para o professor “a avaliação, portanto, deverá se ater apenas ao aspecto quantitativo (o aspecto qualitativo das leituras realizadas pelos alunos dependerá, logicamente, da seleção de obras feita pelo professor)”, o que importa é a compreensão, é o prazer inserido nessas leituras.

A respeito da leitura na escola e sobre como ela está sendo realizada, a professora afirma que: “Acredito que seja com dedicação e perseverança, pois se ver difundindo no Brasil cada vez mais, embora isso ainda ocorra de forma bastante vagarosa”.

Para Geraldi (2006, p. 60), “para a prática da leitura de narrativas longas, sugere-se um período de aula por semana”. Segundo o autor (GERALDI, 2006) um período de aula

por semana é ideal, quando se tem cinco períodos ou aulas por semana. No caso, do cronograma da escola pesquisada, há quatro aulas de português, visando a uma aula para leitura. A professora na sua rotina de leitura, não trabalha com narrativas de textos longos, procura sempre trabalhar com textos pequenos, com leitura de frase e palavras. Sendo que talha todos os dias com a leitura no livro didático. GERALDI (2006)

Quanto à frequência da leitura em sala de aula, a professora diz que: “Em todas as aulas, para que os alunos acompanhem a leitura pela escrita na lousa.”. A mesma ao realizar as atividades na lousa sempre faz a leitura junto com o aluno para que possam acompanhar o que está sendo escrito, para não ficarem perdidos, sem compreensão da leitura feita pela professora. Ao iniciar a escrita na lousa a professora vai soletrando letra por letra, dessa forma os alunos vão acompanhando, no ritmo em que a professora vai desenvolvendo a tarefa assim não levam tanto tempo para concluir a atividade, ao terminar a atividade a professora faz leitura, e pede para os alunos ficarem atentos, prestando atenção. Sobre o uso de gêneros, a professora deixa muito a desejar, por que ela utiliza muito como suporte nas suas leituras, o livro didático.

Trata-se da importância de incentivar a leitura de todos os tipos de textos. Convém, então, ter critérios claros para a seleção de textos motivadores, pois assim os alunos sempre serão motivados a ler, construindo uma personalidade leitora. Portanto, é importante reforçar que, do ponto de vista social, o domínio da leitura é indispensável para democratizar o acesso ao saber e à cultura letrada.

E para finalizar, questionamos a docente: Os alunos sentem mais dificuldades? Em leitura ou em escrita?

Ao responder à questão a professora disse que: “Há mais dificuldades na escrita principalmente nas series iniciais, porque a criança ainda não domina o “falar bem”, é preciso que a criança entenda a fonologia para assim pratica a escrita”. Segundo Martins (1994, p.31-32) “As inúmeras concepções vigentes sobre a leitura podem ser sintetizadas em duas características? (a) leitura como codificação mecânica (b) leitura como um processo de compreensão”

Para complementar a fala da professora e dos autores, trata-se do conhecer bem as palavras, e esse conhecer perpassa também, pela compreensão cognitiva e depois pela repetição fonético-escrita, que se fortalecem mutuamente, em especial no exercício da leitura e da escrita.

4.3. Análise e interpretações dos resultados da observação em sala de aula

A rotina é um procedimento que, ao mesmo tempo em que organiza e orienta o trabalho dos alunos, também organiza e orienta o trabalho do professor. Alfabetização um processo em construção.

Juntamente com os alunos a professora procura elaborar uma rotina diária de trabalho, para organizar o que vai ser trabalhado a cada dia. No primeiro momento a aula começa 7:30 inicia a rotina dos alunos que chegam na sala e se acomodam-se em seus lugares, a professora inicia fazendo uma oração, junto com os alunos e em seguida corrige a atividade que foi passada para responder em casa, depois faz a chamada, ela sempre faz a chamada pelo nome e não pelo número.

No segundo momento realiza a atividade planejada para esse momento, sempre utiliza o quadro, para que os alunos copiem e desenvolva seu processo de escrita. De forma lenta a professora vai escrevendo e fazendo a leitura no quadro, e os alunos vão acompanhado e escrevendo. A professora passa na carteira de cada criança para olhar no caderno se está sendo feito a tarefa. As crianças por esta iniciando esse processo de alfabetização fazem vagarosamente.

Terceiro momento acontece o intervalo, que inicia as 09:00 horas e termina meia hora depois, como na escola não tem um espaço apropriado para as crianças lanchar, os zeladores trazem o lanche na sala, e a professora fica também na sala para ficar observando as crianças. Quando terminam de lanchar, vão brincar na frente da escola e logo em seguida voltar para a sala e para continuar com suas atividades.

A professora sempre finaliza com leitura no livro, e atividade para casa, essa rotina é organizada para todos os dias. A sexta feira é o dia da semana escolhido para trabalhar com artes.

Observei que a professora através do livro didático trabalha como uma grande variedade de gêneros e enfatiza o uso dos gêneros como tirinhas, receitas, parlendas, contos entre outros.

Não consegui identificar se a professora trabalha com algum projeto didático ou uma sequência didática para que a criança comece a realizar suas atividades de leitura. A professora através o livro didático, realiza a leitura com os alunos de forma individual.

Como já tínhamos comentado anteriormente nos capítulos anteriores, como afirma Castanheiro (2009, p. 100), ensinar a ler está associado à proposta de perguntas sobre o texto

em que devem ser respondidas como tarefas de casa sobre interpretação textual. Como ressalta a autora, deve-se entender que

Ensinar a ler é, entre outras ações, levar o aluno a relacionar o assunto do texto a conhecimentos prévios enciclopédicos e de suas experiências de vida, inclusive experiências de outras leituras. Ensinar a ler é mostrar as estratégias usadas pelo autor para distribuir as informações ao longo do texto, dando prioridade a algumas e colocando outras como pano de fundo.

Foi possível observar uma prática de leitura mecânica. Porque a professora ao realizar o momento de leitura com os alunos, fica muito presa ao livro didático de forma que não há uma contextualização, ela mesma marca no livro qual a leitura que vai ser lida, daí pede para o aluno antes de fazer a leitura juntamente com ela, que faça uma leitura silenciosa sentado na sua carteira. Esse momento acontece no final da aula, quando a professora passa em carteira em carteira para o aluno fazer sua leitura individual.

5 CONCLUSÃO

A leitura como grande instrumento facilitador da aprendizagem precisa ganhar lugar de destaque nas escolas. Os anos iniciais escolares deixam marcas profundas nos alunos. É preciso uma maior conscientização por parte dos educadores. Alguns tentam e conseguem encontrar o caminho certo, já outros cruzam os braços por acharem sua prática correta, sem se preocupar em buscar formas alternativas de trabalho.

Na sociedade em que vivemos, faz-se necessário que todos os indivíduos, saibam ler e escrever. Visto que diante de tanta informação e mudanças, a leitura e a escrita tornam-se cada dia mais uma necessidade. Assim, a escola precisa ver a leitura como algo prioritário, que se deve fazer todos os dias, que se tenha projetos específicos de leituras. Nos anos iniciais do ensino fundamental há a necessidade que a leitura e a escrita sejam feitas com urgência, visto que muitos educandos chegam ao 9º ano sem saber ler e muito menos escrever. As deficiências, são alarmantes, embora a educação brasileira, tenhamuitos programas, voltado para a leitura. Na prática, esses programas ainda não saíram das estatísticas de fato, as propagandas são bonitas, os materiais muito bem elaborados, mas na verdade nem todos os alunos que saem desses programas conseguem avançar na leitura. É preciso dedicação maior de todos os envolvidos no processo da leitura, é preciso dar condições e estruturas, para que o professor e os alunos sintam-se motivados para ler. As escolas públicas, precisam conhecer suas funções, a mesma precisa recuperar sua autonomia sobre os alunos.

E não sentir medo, frustração diante dos obstáculos da dificuldade de ensinar a ler, a escola precisa superar a si mesmo. Ser a ponte, onde os educandos precisam passar, para entender o mundo e sentirem fortemente capazes. As práticas de leituras, precisam ser atuais, visto que os alunos aprendem de acordo com as transformações da sociedade. É preciso descobrir o que o aluno tanto gosta, que leitura ele precisa ler, para ter um incentivo, para ler demais livros.

A leitura e a escrita, tornam-se prioridades da educação fundamental, mais essa prioridade não é vista na prática. A escola não oferece melhorias, incentivos, o livro didático é de péssima qualidade. Ler é um processo que exige tempo, dedicação e atenção, é fundamental que o professor tenha uma formação inicial, para que possa atender as demandas das estratégias de leituras atuais. Daí a importância desta pesquisa em adquirir uma reflexão sobre as questões relacionadas à leitura entre os alunos dos anos iniciais do Ensino

Fundamental, visto que ainda há uma grande defasagem de leitores comprometidos e estimulados nas salas de aula.

Geralmente, a escola responsabiliza o aluno e suas condições familiares pela falta de interesse e não assume como sua a tarefa de incentivar o exercício da leitura. Nesse sentido, se torna pertinente discutir algumas condições importantes que precisam ser garantidas para cultivar a motivação dos alunos pela leitura.

Visto que diante de tanta informação e mudanças, a leitura e a escrita tornam-se cada dia mais uma necessidade. O sentido maior da leitura é garantir a escrita como um bem cultural no processo de ampliação e compreensão do mundo e, essa tarefa, não é completada apenas nas séries iniciais, uma vez que se constitui em um processo longo, que deverá ser iniciado, provocado, sustentado e desenvolvido durante as experiências escolares, afirmando que se formam leitores na relação dialógica entre aquele que ensina e aquele que aprende.

Portanto espera-se que este trabalho contribua para alertar sobre a necessidade de uma análise do fator da leitura e escrita nas escolas, visto que é uma prática que não acontece regularmente e de maneira eficiente na Unidade Escolar Heitor Pedrosa. Nesse sentido, observa-se que por meio de ações como a conscientização da família sobre a importância do estudo para seus filhos, maior incentivo e melhoria da motivação das aulas, e da conscientização de que os pais devem participar com maior assiduidade na vida escolar de seus filhos, as dificuldades e as causas de leitura e escrita possam ser reduzidas ou se não minimizadas. Pois não podemos exterminar essas dificuldades e causas, mas somente através de esforços que reduzimos o índice desses transtornos nas escolas, que se resolverá o problema que cresce cada vez mais.

Aos docentes que procurem sempre se atualizar e busca novas estratégias para motivar seus alunos a interagir e dedica-se com mais eficaz a leitura e escrita, para que no futuro torne-se um grande leitor da sua própria vida e uma melhor visão para interpretar o mundo em sua volta.

REFERÊNCIAS

- BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito de leitura. São Paulo: Ática, 2002.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- BERENBLUM, A. Por uma política de formação de leitores/ elaboração Andréa Berenblum, Jane Paiva. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução. Brasília/ DF: MEC, SEF, 1997.
- CAGLIARI, Luiz.Carlos. Alfabetização e Lingüística. São Paulo: Scipione, 1993.
- CARVALHO, M. I. C.; RUBIANO, M. R. B. Organização do espaço em instituições pré-escolares. In: OLIVEIRA, Zilma de M. R. (org.) Educação Infantil: muitos olhares. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- CARVALHO, Marlene. Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis, RJ. Vozes: 2003.
- CASTANHEIRA, Maria Lúcia, MACIEL, Francisca Isabel Pereira, MARTINS, Raquel Márcia Fontes, (organizadoras). Alfabetização e letramento na sala de aula. 2ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora: Ceale, 2009. – (Coleção Alfabetização e Letramento na Sala de Aula)
- FEITOSA, Rosane Gazolla Alves. Os contos da montanha de Miguel Torga: um painel transmontano. 1984. 213 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FREIRE, P. Pedagogia da esperança. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- _____. Professora sim, tia não. 8. ed. São Paulo: Olho d'água,1997.
- FOUCAMBERT, Jean. A leitura em questão. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GALLIANO, A. G. O método científico: teoria e prática. São Paulo: Harbra, 1986.
- GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 2006.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIROTTO, Cyntia e SOUZA, Renata Junqueira de (2010). “Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem”, in: SOUZA, Renata Junqueira de; CyntiaGraziella

Guizelim Simões; ARENA, Dagoberto Buim e MENIN, Ana Marie Ler e compreender: estratégias de leitura. Campinas: Mercado de Letras.

HARVEY, Stephanie e GOUDVIS, Anne (2007). Estratégias que funcionam: ensinar a compreensão para aumentar a compreensão. Portland: Stenhouse editores e editores de Pembroke.

HERNANDEZ, F. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

JOLIBERT, Josette e colaboradores (1994). Formando crianças leitoras. Coord. Josette Jolibert. Tradução Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas.

KRAMER, Sônia. Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso. São Paulo: Ática, 2010.

_____. Por entre as pedras: arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 1993.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto, In: Leitura em crise na escola: as alternativas metodológicas.

LEAL, Telma. Planejar é preciso. Texto distribuído em encontro de formação de professores na Secretaria de Educação de Olinda, 2004.

LIBERATO, Y.; FULGÊNCIO, L. Um modelo de descrição da leitura. In: É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro. São Paulo: Contexto, 2007. p. 13-29.

LIMA, F. S. O. (2000) Pré-escola e Alfabetização. (Uma Proposta Baseada em P. Freire e J. Piaget). Editora Vozes, 13ª ed, Petrópolis.

LIMA, A. F. S. O. Pré-escola e Alfabetização. 11ª Edição. Editora Vozes. Petrópolis, 1999.

MORAIS, Antônio. Psicomotricidade: Educação e Reeducação num enfoque Psicopedagógico. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MORAIS, A. G de. Sistema de escrita alfabética/ Artur Gomes de Moraes. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

PAULA, Ana Paula Paes; RODRIGUES, Marco Aurélio. Pedagogia Crítica no Ensino da Administração: Desafios e Possibilidades In: XXX ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO - ENANPAD. (2006: Salvador). Anais ... Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Administração, 2006. (Texto Integral em CD-ROM dos Anais do 30º ENANPAD).

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

RAMPAZZO, Lino. Metodologia Científica: para alunos dos cursos de graduação e pósgraduação. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

RUIZ, João Álvaro. Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

SARTRE, J. P. Que é literatura? São Paulo, Ática, 1989.

SOARES, M. B. Letramento: um tema em três gêneros. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura/Isabel Solé; trad. Cláudia Schiling. 6. Ed. Porto alegre: Artmed, 1998.

STRIQUER, Marilúcia dos Santos Domingos. Os objetivos de leitura no livro didático. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Estadual de Maringá, 2007. Disponível em <http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/msdstriquer.pdf>. Acesso em 07 setembro 2017.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. Aprender a ler e a escrever – Uma proposta construtivista. Porto Alegre, ArtMed: 2003.

VILLARDI, Raquel. Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1999.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

WALDOW, C.; BORGES, G. S.; SAGRILO, K. G. S. Dificuldades de aprendizagem: possibilidades de superação fazendo arte. Synergismusscientifica UTFPR, Pato Branco, 01 (1,2,3,4): 1-778,2006.

ZILBERMAN, Regina (org.) – 6ª Ed - Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986, p. 51-62.

Overlan, Edineia ou M. Francisca. (29 de janeiro).



AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu maria dos milagres da Costa, responsável pela escola instituição Educacional Unidade Escolar Heitor Pedrosa, autorizo a realização da pesquisa intitulada: **Leitura e Escrita: no 1º ano do ensino fundamental: Um estudo sobre as praticas pedagógicas utilizada no 1º ano do Fundamental.**

Estou ciente que a pesquisa será realizada sob a responsabilidade de **Cassiene de Araujo Reis Porto** regulamente matriculada no curso de linguagens e códigos, sob a matriculada de número **2013052975**, para que o mesmo possa desenvolver nesta instituição de ensino as suas atividades referentes ao Trabalho de Conclusão de Curso, e concordo que a mesma seja realizada no período de **04/09/2017 a 15/12/ 2017**.

Declaro ter lido e concordo com todos os procedimentos da pesquisa e que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes do projeto. No entanto, esta instituição esta ciente de sua corresponsabilidade como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa.

Atenciosamente.

maria dos milagres da Costa

Assinatura e carimbo do responsável da Instituição

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

Prezado (a) Professor,

Gostaria de contar com sua participação na coleta de dados para a pesquisa desenvolvida pela Graduação em Linguagens e códigos da UFMA que tem como objetivo analisar a prática de leitura e escrita para a formação de leitores na Unidade Escolar Heitor Pedrosa.

Desde já agradeço sua colaboração, que será muito importante para minha pesquisa.

1. Qual a sua formação?

Pedagogia

2. Há quanto tempo você é formada?

Doze anos.

3. Você gosta de ler e escrever? Justifique. Sim.

Pois ler nos leva ao entendimento das culturas e nos torna reflexivos, formadores de ideias e traz crescimento pessoal. Gosto de escrever porque aprendi que a escrita eterniza...

4. Para Você, ler bem é:

É compreender o que está lendo é ter o entendimento rápido do que o texto quer nos falar.

5. Escrever bem é:

É saber o que você quer escrever e com fundamentação, organização, clareza e que demonstrem bom domínio do português.

6. Você considera a leitura e a escrita na escola um processo mecânico?

Sim

Não

Justifique. Infelizmente a leitura e a escrita nas maioria das escolas são feitas de maneira mecânica e não de forma significativa, são vários os fatores que contribuem para essa prática, assim fazendo com que o país seja entre tantas um país de poucos leitores.

7. Você mais prefere ler

Livros

Revistas

Jornais

Outros. Qual tipo de leitura?

8. Quantos livros você lê por mês?

Um

Dois

Mais de dois

Nenhum

9. Qual o tipo de livros que você lê?

Livro didático

Científico

Outros. Quais?

Românticos

10. Você considera a leitura e a escrita importante na formação do aluno? Justifique

Sim. A leitura e a escrita elas não são só importantes na formação dos alunos é essencial pois é ambas que possibilita uma ampla visão de mundo tornando esse aluno em um cidadão crítico consciente dos deveres e direitos...

11. Você oportuniza a leitura em sala de aula?

Sim. Pois sou consciente que o hábito da leitura, possibilita no aluno uma melhor compreensão do mundo.

12. A leitura na escola está sendo realizada de qual forma?

Acredito que seja com dedicação e perseverança pois se ver difundindo no Brasil cada vez mais, embora isso ainda ocorra de forma bastante vagarosa.

13. Você lê com frequência para os alunos?

Sim. Em todas as aulas

14. Os alunos sentem mais dificuldades

() Leitura

(X) Escrita

Justifique. Há mais dificuldade na escrita principalmente nas séries iniciais porque a criança ainda não domina o "falar bem", é preciso que a criança entenda a fonologia para assim praticar a escrita...

